BOM DIA FURG 29.10.1991

Bom dia. Rio Grande, 29 de outubro de 1991. Destaques de hoje no Bom Dia, FURG.

A programação do Simpósio sobre Realidade Ambiental da Planície Costeira do Estado. E uma entrevista com o professor Antônio Massada, do Departamento de Matemática da FURG. Ontem à noite, foi aberto o Simpósio Estadual sobre Realidade Ambiental da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.

Uma promoção SMEC, Samesim FURG e 18° DE. A abertura no Amfiteatro do Campo Cidade, foi com palestra do professor Luiz Paulo Cunha, do Departamento de Oceanografia da FURG, sobre anomalias morfológicas em peixes do estuário da Lagoa dos Patos e zonas adjacentes. Após, houve show com o grupo Tarumã.

Hoje pela manhã, o professor Euripe de Salcão Vieira, fala sobre Geografia da Planície Costeira do Estado. Às 14h, a professora Helen Regina Nunes, da PUC do Rio Grande do Sul, profere palestra sobre Fundamentos Básicos de Educação Ambiental. E às 16h, o chefe do Centro de Pesquisas do IBAMA em Rio Grande, oceanólogo Hamilton Rodrigues, fala sobre Evolução Histórica da Pesca.

Amanhã, quarta-feira, a programação inicia às 8h com Ecologia das Praias do Rio Grande do Sul, com o professor Norton Matos Gianuca, do Departamento de Oceanografia. E às 10h, o professor e oceanólogo César Vieira Cordazo, também da FURG, falará sobre Vegetação das Dunas Costeiras. Bem, esse programa tem seguidamente dado espaço a vários projetos de extensão da nossa Universidade.

Está conosco hoje o professor Antônio de Pinho Massaro, ele é do Departamento de Matemática. E ele tem vários projetos, inclusive a respeito do meio ambiente, né professor? E os principais projetos são sobre árvores, são projetos de reflorestamento. Árvores frutíferas, exóticas, nativas e medicinais.

Sobre isso ele vai nos falar hoje, ao público do Bom Dia FURG. Bom dia professor Massaro. Bom dia FURG, bom dia Rosane.

Eu queria que o senhor nos explicasse a respeito dos seus projetos. Começando aí com os projetos de árvores frutíferas. Quais são os objetivos desse projeto e como é que ele se desenvolve, professor? O nosso projeto é reflorestar.

Nós temos uma área de 200 hectares na Universidade, e que tiveram início pelo então reitor Eurídeus Falcão Vieira, e juntamente com um engenheiro que trabalhava nessa área, um engenheiro roxo, colocaram no solo, transferido para o solo, cortinas de árvores exóticas e algumas nativas. E depois isso foi esquecido. Passados mais de 20 anos, após alguns cursos que fizemos, porque nós não somos especialistas em área nenhuma, eu não considero até um

alienígena nessa área de árvores, e com o apoio do nosso agrônomo Cláudio Brius, e mais um companheiro geógrafo, que também já foi jornalista, nós estamos fazendo um trabalho, tendo o apoio também de um acadêmico dessa área, o técnico de administração Botelho, estamos reaproveitando lixo de alimentos.

Lixo orgânico. Lixo orgânico. Olhando do hospital, do restaurante do hospital, não dos quartos, dos apartamentos doente, mas do restaurante da FURG, da cantina, para fazer uma compostagem, e também aproveitando um projeto que nós temos junto, a Secretaria de Agricultura, dirigida pelo Dr. Aldo Pinto, nós pretendemos fazer um congênio, que já está um ano na secretaria, o pessoal estava esperando essa reforma administrativa para... Implementar.

Implementar. Nós, então, chegamos e estamos esperando, e já estamos produzindo, já estamos recebendo também árvores de várias partes do Rio Grande do Sul. Tamandai nos mandou 3 mil árvores, onde nós esperávamos 12 mil.

A nossa Secretaria Municipal de Agricultura, por intermédio do Claudio, o técnico agrícola da SMAIC, ele nos concedeu 800 árvores de vários tipos, recebemos também de Antônio Gil Bastiani, da Secretaria da Agricultura, sediado aqui no Rio Grande, 300 acácias trinérias de feijão do Norte. Então, nós precisamos receber milhares de árvores. Estamos entrando em ligação agora com todas essas organizações, o presidente está em ligação com a RioCelto, o que não prestar para eles, nós queremos plantar.

Nós queremos recuperar ao máximo essas dunas da universidade, sem violentá-las. Então, com estudo do terreno, pelo nosso agrônomo, nós pretendemos fazer com que a universidade possa ser um polo irradiador de árvores frutitas para os vírus que nos circundam. Cada um cuida de uma árvore, ela produz um fruto e ele sinta o prazer de comer um fruto de sua casa.

Cultivado por ele mesmo. Inicialmente, professor, essas sementes seriam plantadas, essas árvores seriam plantadas na área da furga, então? Nós temos um viveiro muito antigo, que começou com o segundo reitor que nós tivemos. E com o João Rocha, o engenheiro, que era da área de engenharia civil da universidade.

Então, esse viveiro existe, ele é dirigido pelo engenheiro agrônomo, o Claudio, as sementes que eu tiro das frutas que eu como na minha casa, eu levo para lá. E lá tem 300 laranjeiras e bergamoteiras olhudas na minha boca. Eu comia a fruta, recolhia a semente e temos uma panfletagem na universidade solicitando que cada um traga as sementes das frutas que come para a universidade e entregue no protocolo.

Há uma grande panfletagem na universidade há dois anos, mas o retorno é muito pequeno. Por que a senhora acredita que há tão pouco retorno? Eu acho que não sou mais na camiseta. Está faltando apostar no meu chandais, então, professor? Não, nós temos tentado de todos os modos.

Nós temos mandado na sala de aula, vamos recomeçar esse trabalho essa semana que vem e ver se conseguimos mais sementes. E o tempo está passando. Por exemplo, o Januca que vai falar, no simpósio, é um grande produtor de sementes.

Incentivador. Incentiva, leva, discute, conversamos sobre o assunto. É muito interessante isso.

Discordamos se devo cortar árvores ou não para evitar o estressamento das árvores. Porque a árvore muito junta, ela se estressa, ela cresce para cima, mas ela não engrossa. E a qualidade também dos frutos cai? Não, porque aí nós não temos frutos.

Na universidade, atualmente, temos muito poucos frutos. Nós temos mais árvores exóticas e árvores de cortes. Nós pretendemos fazer uma área de 50 hectares só para árvores de cortes, de modo que a gente possa, com a venda da árvore de cortes futura, daqui a 10, 20, 30 anos, não sei o que vai acontecer, nosso planeta, nós tenhamos condições de repor para outras áreas.

Nós temos uma horta dirigida pelos alunos dos diretores de engenharia. Tem uma horta comunitária. Eles produzem parte do seu alimento.

Então, acho que tem que juntar mais gente. O pessoal não sabe nem onde é o viseiro da FURG. E onde é que é? É junto ao restaurante da FURG, na FURG, a Associação de Funcionários, do lado do seu viseiro.

Se a gente quiser conhecer, na hora do almoço, ali é tipo... É uma caminhadinha ecológica, como se diz, e vai ver, nós temos mais de mil... Como é que se diz? Sementes de maracujá plantando, já estão em protação. Nós temos mais de 500 goiabeiras, graças ao professor da matemática, que sempre nos traz o máximo de sementes. Nós temos sementes de maracujá, parte eu trago na minha casa, outra parte o pessoal leva pra lá.

Nós temos pitangueira, que vem até de Pelotas, o pessoal manda sementes de Pelotas. Tem uma pessoa que manda de Pelotas, não sei. E o professor Seltzer, que é o professor da matemática, nos traz os mais variados tipos de produção de sementes.

O pessoal come na casa dele, ele traz a semente pra gente usar. A meixeira é essa, por exemplo. Essa é a nossa Nestera, ou Nestereira.

Essa meixinha que nós produzimos facilmente aqui no Rio Grande. Nós poderíamos ter em cada casa uma dessas Nestereiras, que nos produziriam frutos por um determinado tempo. Um detalhe interessante aí é que reduz bastante o lixo orgânico dentro de casa.

Reduz o lixo orgânico. Outra gente que trabalhou muito para esse início há dois anos atrás, o colégio São Francisco. O que esse colégio nos mandou de sementes foi uma coisa impressionante, graças a três professores.

A professora Débora, a professora Denise, e eu não me lembro o nome dos outros professores,

que é um grave erro, não me lembro. Que juntavam essas sementes, mandavam receber caixas e caixas por dia. Caixas de sapato, cheia de sementes.

Nós faltamos muito sobre isso. E paramos. Paramos agora.

Não sei o que vai acontecer no futuro. Mas nós ainda não perdemos o lugar. Com relação às árvores frutíferas, professor, numa segunda etapa desse projeto, elas poderiam servir as vilas, no caso, né? O nosso plano tem essa finalidade, de levar à periferia da universidade se o pessoal quer uma árvore para cultivar.

Então o que é? É uma sombra, é um passarinho que vai chegar ali e é um fruto que ele vai ter. Ele vai produzir um composto com... Se é que sobra comida, né? Às vezes tem lugares que não sobra. Falta até muita comida.

Mas a sobra dos alimentos, nós podemos juntar com a terra. Um pouco de esteiro, etc. Nós vamos ter, no fim de três meses, um composto muito bom para botar na terra.

Bom, as árvores frutíferas, falamos também nas exóticas, mas tem uma que está se voltando ultimamente para a atenção, para sua importância, que é a árvore ou a planta medicinal. Né, professor? E também faz parte de um desses projetos, né? Um dos projetos é a de plantas medicinais. É interessante que o nosso Rio Grande do Sul é rico em plantas medicinais, mas não sabemos usar.

Se o cara coloca a palminha no seu chimarrão, ele automaticamente está fazendo um trabalho interno, gastro, para o seu estômago, para o seu fígado. Ele usa o cidró, mas a gente tem que saber quantas folhas de cidró ele está usando, senão ele pode ter até um problema nervoso. Para se acalmar, ele usa a folha de maracujá.

Maracujá é uma coisa que dá nessa cidade, assim, como chuchu. Mas nós não sabemos cultivar o maracujá. O maracujá só é bom quando ele cai no chão.

Quando ele está pendurado, o maracujá não está amador. Então, pessoal, nós estamos pretendendo, com essas mil mudas de maracujá, plantá-lo em volta daquela cerca da universidade para ver se o pessoal que passa por ali, nós vamos tentar ensinar como usar o maracujá, porque dá um bom refresco, é bom para o coração, é um alimento. É um produtor de sementes.

E cada maracujá dá centenas de sementes. Nós poderíamos ter maracujá, dizer que não tem em Rio Grande, dar no Cassino, que é o local mais adverso, por causa do vento. Maracujá está dando, quer dizer, ervas medicinais é uma coisa que tem que ser muito bem dosada, mas que nós podemos ter em meio metro quadrado, todas as ervas que nós precisamos para o nosso consumo saudável, diário, da família.

E quantas ervas nós temos aqui? Você tem uma ideia de quantos tipos a gente tem daqui pela

nossa região? Não posso me informar. Estou dizendo que eu sou alienígena. Então, o que acontece é que o Guerra, o geógrafo Guerra, Luis Felipe Guerra, ele é uma pessoa que atende nessa área.

Como também usamos muito o Sr. Elton, o Sr. Bartolomeu, sabe tudo, só que o Elton não está querendo escrever o que sabe. Porque nós teremos os maiores books sobre árvores, sobre ervas, olhando o do Elton. Mas o Elton está ainda de ficar com vergonha de escrever, ou está escrito e não quer publicar.

Nós temos que publicar, mesmo que as coisas não estejam muito certas, para que os outros critiquem. Para suscitar a discussão. Ah, eu sou um discutidor tremendo.

Eu gosto de muita discussão. É bom. Professor, com relação às árvores nativas, os objetivos seriam quais? A preservação? Cultural.

Nós, cada árvore nativa, nós pretendemos fazer pequenos bosques e que ali esteja o nome dessa árvore, para que ela serve. É muito simples. É só pegar uma lata, colocar em volta e até a nossa turma vai passando pela universidade e vai vendo ali que existe várias árvores nativas que a gente, que leva muito tempo também para se desenvolver, mas que a gente desconhece porque o Rio Grande do Sul está perdendo até essa árvore cultural.

Está ótimo. E com relação às árvores exóticas, professor, elas teriam um objetivo, evidentemente, de comercialização? É. Eu sei que é terrível. Eu surjo aquela pessoa que se julga ecologista, ou se julga ecolopata, ou se julga dentalista, eu sou sobrevivente.

A árvore exótica, ela tem uma finalidade, ela vai me dar meios no regime capitalista, ela vai me dar meios que eu adquira árvores frutíferas, de boa qualidade, que eu possa fazer um bom trabalho. É necessário para a sobrevivência. É claro.

Então, eu estou tentando fazer algo que eu aprendi com a minha mãe, que era mulher do campo, e que ficou lá no fundinho daqueles ensinamentos que ela me deu, mas que nem tocam perto dessa gente que me cerca, que eu sou uma pessoa estupenda. Também quero agradecer ao Bertir pelo apoio que ele sempre tem de papo, de discussão, e que isso é muito bom para essa área em que nós trabalhamos. Muito bem, professor.

Então, muito obrigada pela sua participação aqui no Bom Dia Fur. E sinta, então, um chamamento para que a comunidade participe desses projetos, não é? Nós esperamos que a nossa comunidade participe com vigor, e eu agradeço essa primeira oportunidade que tivemos, e esperamos que no ano que vem nós tenhamos 10 vezes mais de produção de sementes de água no fundo da cidade. Nós também esperamos, então, assim.

O Bom Dia Fur retorna amanhã. Um bom dia a todos.